

Gênesis 6.1-5: um estudo comparativo

Genesis 6.1-5: A Comparative Study

Glauco dos Santos Silveira¹
Marcos Felipe Vital da Silva²
Tamires Sicupira Chaves³

Resumo: O trecho do livro de Gênesis, capítulo 6, dos versículos de 1 a 5, introduz a figura dos “nephilins”, em algumas traduções colocados como “gigantes”, figuras que passaram ao imaginário popular e ao caráter de mitos bíblicos. Este artigo busca contrastar as diferentes traduções e interpretações dadas ao referido texto, de modo a demonstrar como, em diferentes interpretações, o conceito de gigantes sob viés mítico, no qual a concepção de “filhos de Deus” como “anjos” que teriam coabitado com as mulheres, dando origem aos nephilim, pode ser também entendido, por outro lado, como “humanos que fazem a vontade de Deus”, e as “filhas dos homens”, como as mulheres que descendiam de humanos que não aceitavam a vontade de Javé.

Palavras-chave: Bíblia. Mitologia. Antigo Testamento. Discurso religioso.

Abstract: The passage from the book of Genesis, chapter 6, from verses 1 to 5, introduces the figure of the "nephilins", in some translations placed as "giants", figures that have passed to the popular imaginary and to the character of biblical myths. This article seeks to contrast the different translations and interpretations given to this text in order to demonstrate how, in different interpretations, the concept of giants under mythical bias, in which the conception of "sons of God" as "angels" would have cohabited

Artigo recebido em: 26 out. 2017
Aprovado em: 21 dez. 2017

¹ Cientista Social pela Universidade Federal do Ceará, graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e mestrando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória.

² Biólogo pelo Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO - RJ) e mestrando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória.

³ Advogada pela Universidade Vale do Rio Doce (Univale), especialista em Direito Público pela Universidade Anhanguera-Uniderpe mestranda em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória.

with the women, giving rise to the nephilim, can also be understood, on the other hand, as "humans who do the will of God," and the "daughters of men," as women descended from humans who did not accept the will of Yahweh.

Keywords: Bible. Mythology. Old Testament. Religious Speech.

Introdução

A Bíblia no geral, mas principalmente o Antigo Testamento (AT), apresenta muitas figuras que são consideradas mitológicas (como o leviatã⁴, o beemote⁵, dragões⁶, basiliscos⁷, etc.). Em alguns casos, essas criaturas em algumas tradições têm caráter simbólico⁸, ou são fruto de erros de tradução do original para o vernáculo⁹. Em outros, porém, seu caráter mítico, misterioso, permanece¹⁰.

Os nephilim (traduzidos em alguns casos como "gigantes") são criaturas que dividiram as opiniões dos teólogos ao longo da história. Aparecem em vários trechos bíblicos e na literatura considerada apócrifa composta por revelações sobrenaturais acerca do futuro, conhecida como literatura apocalíptica.¹¹

O chamado *Livro dos Vigilantes*, consiste numa obra apócrifa famosa e influente, sobretudo entre os cristãos, que se encontra na "versão mais antiga em 1 Enoque 6-11, também atestada

⁴ Jó 41.1. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/acf/j%C3%B3/41>. Acesso em 29/10/2017.

⁵ Jó 40.15. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/acf/j%C3%B3/40>. Acesso em 29/10/2017.

⁶ Apocalipse 12.3-4. Neste caso, o exemplo encontra-se no Novo Testamento.

⁷ Isaías 11.8; Isaías 59.5; Jeremias 8.17.

⁸ Este tipo de visão diz respeito, por exemplo, a livros como o Apocalipse, mas também a outras questões bíblicas, como a simbologia presente em muitos numerais presentes na Bíblia.

⁹ Observe-se, por exemplo, o caso de tradução de Jó 39.9: Nas versões mais atuais, a tradução que aparece é "boi selvagem". Na versão King James, contudo, a versão utilizada pela Igreja Anglicana, o mesmo termo é traduzido por "unicorn" ("unicórnio"). Eis mais uma criatura mítica, contudo, por uma variação dos tradutores. Disponível em:

<http://biblehub.net/search.php?q=unicorn>. Acesso em 23/10/2017.

<https://www.bibliaonline.com.br/acf/j%C3%B3/39>. Acesso em 23/10/2017.

¹⁰ É o caso dos míticos Leviatã e Beemote.

¹¹ NOGUEIRA, Carlos R.F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2000. p.20.

em manuscritos aramaicos de Qumran (4QEnoque Aramaico)¹², é a responsável pela introdução da ideia de cisão no céu. Trata-se de uma “coletânea de histórias imaginárias, que faz parte, por seu turno, de outra coletânea mais ampla, intitulada Primeiro Livro de Enoque”.¹³ O mito conta que anjos nomeados por Deus para “vigiar” (daí o nome vigilantes) o Universo decaíram do céu. O autor deste relato combina duas versões diferentes de como os anjos vigilantes perderam sua glória celestial, a partir do desejo carnal que os “filhos de Deus” sentiram pelas mulheres humanas, conforme descrito em Gênesis 6. Uma versão conta que duzentos anjos induzidos por seu chefe Semeiaza, fizeram um pacto para violar a ordem divina, coabitando com mulheres humanas, produzindo uma “raça de bastardos, os gigantes conhecidos como nephilim (“os decaídos”), que gerariam espíritos demoníacos”. Esses anjos decaídos espalhavam a violência entre os homens. Entrelaçada a essa versão, o relato mostra como o arcanjo Azazel pecou, ao revelar a seres humanos os segredos da metalurgia, que proporcionou aos homens a fabricação de armas de guerra e às mulheres a confecção de adornos com ouro, prata e cosméticos. Assim, “os anjos decaídos e sua prole demoníaca incitaram ambos os sexos à violência, à cobiça e à luxúria”. Pagels diz que neste livro anjos decaídos “estimulavam as atividades dos que violavam a aliança com Deus”.¹⁴

No relato bíblico canônico o mais icônico de seus representantes parece ser sem dúvida Golias¹⁵, o gigante morto por Davi. Em comum entre eles, a grande estatura, que ultrapassava com facilidade os dois metros de altura¹⁶. A questão que dominou a teologia (inclusive em caráter místico) seria se essas criaturas seriam descendentes de “anjos”, o que lhes conferiria certo caráter

¹² NOGUEIRA, Paulo A. Souza. O Mito dos Vigilantes: apocalípticos em crise com a cultura mediterrânea. p.2 (Artigo não publicado)

¹³ PAGELS, Elaine. *As Origens de Satanás*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1996. p.78.

¹⁴ PAGELS, 1996. p.88.

¹⁵ 1 Samuel 17.4-7. Na Nova Versão Internacional, é dito que Golias possuía 2,90 m de altura, sua armadura pesava 60 kg e a ponta de sua lança, 7,2 kg. *1 Samuel 17*. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/1sm/17/23+>. Acesso em 23/10/2017.

¹⁶ Ogue, rei de Basã, também considerado um gigante, tinha uma cama cujas dimensões eram de 4 m de comprimento por 1,8 m de largura, e era feita de ferro, possivelmente com vistas a suportar seu peso. Mesmo que sejam dados os devidos descontos (pois se trata de seu leito e não dele em si) sua estatura ainda seria bem maior do que a do conhecido Golias. *Deuteronômio 13*. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/dt/3>. Acesso em 23/10/2017.

sobrenatural ou se, por outro lado, os nephilim seriam seres humanos comuns, que tiveram sua altura exagerada (hipótese mais racionalista utilizada principalmente após a reforma protestante), ou seriam portadores de alguma anomalia física¹⁷. A questão que envolve essa discussão está presente na expressão utilizada pelo escritor: “filhos de Deus”¹⁸, *bene elohim* em hebraico, que para alguns, pode se referir a “anjos”¹⁹, e, para outros, à descendência de Sete, filho de Adão e Eva, considerado substituto de Abel, morto por Caim²⁰.

Neste artigo, não se entrará no mérito dessa discussão teológica. Buscar-se-á, outrossim, traçar o caminho, refletido nas diferentes interpretações, da dialogia que esse trecho bíblico vem sofrendo no passar do tempo, de modo a perceber como os diferentes intérpretes encaravam a questão. Será explicitado como figuras como Calvino ou John Wesley viam o trecho em discussão, assim também como as versões mais recentes de outros credos cristãos e de bíblias de estudo, inclusive com comentários acadêmicos, encaram esse assunto.

1. Os filhos de Deus: anjos

A interpretação que torna este trecho especialmente digno de nota, sob o olhar fantástico, seria aquela que considera que os “filhos de Deus” mencionados no versículo 2 seriam anjos. Os anjos (*mal'akh* em hebraico e *angelos* em grego, cuja tradução mais utilizada seria “mensageiro”) são criaturas que aparecem em vários momentos na tradição judaico-cristã, atuando tanto como mensageiros divinos, como a própria etimologia da palavra grega sugere²¹, assim também como atores atuantes através dos quais Javé

¹⁷ Veja por exemplo a versão da ascendência angelical em <https://www.jw.org/pt/publicacoes/livros/historias-biblicas/1/gigantes-na-terra/>. Acesso em 23/10/2017. E uma opinião contrária em <http://www.ofielcatolico.com.br/2002/04/nefilins-os-gigantes-da-biblia.html>. Acesso em 23/10/2017.

¹⁸ *Gênesis* 6. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/6>. Acesso em 23/10/2017.

¹⁹ Em hebraico, os anjos eram quase sempre chamados ‘filhos de Deus’ (*bene elohim*) e imaginados como formando as fileiras hierárquicas de um grande exército ou como membros de uma corte real. PAGELS, 1996. p.66.

²⁰ Conforme *Gênesis* 4.25. *Gênesis* 4. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/4>. Acesso em 23/10/2017.

²¹ *Anjo*. Disponível em: <https://www.significados.com.br/anjo/>. Acesso em 28/10/2017.

pode manifestar sua vontade de forma bélica ou física²². Normalmente são consideradas criaturas dotadas de grande poder²³, hierarquicamente organizadas segundo suas funções²⁴, e em alguns momentos dentro do próprio texto bíblico consideradas assexuadas²⁵, embora os anjos mencionados na bíblia sejam normalmente designados pelo sexo masculino, com uma possível exceção no livro de Zacarias, capítulo 5, versículo 9²⁶.

Na tradição judaico-cristã (principalmente após o contato com a mitologia dualística dos Persas²⁷) desenvolveu-se a ideia de que Satanás teria sido um tipo especial de anjo, que ao voltar-se contra Deus, teria sido expulso do céu, tornando-se assim seu inimigo²⁸, e que, em sua rebelião contra o Criador, teria levado

²² Exemplos disso estão presentes nos textos do Segundo Livros dos Reis, capítulo 19, versículo 35, e no livro do Apocalipse, capítulo 7, versículos 2 e 3.

²³ Como é possível depreender dos textos acima citados.

²⁴ Como aparecem na carta de Paulo aos Efésios, capítulo 6 e versículo 12, que trata ao menos de duas categorias: principados e potestades. No livro do profeta Isaías, capítulo 6, aparece a figuras dos “serafins”. No livro do profeta Ezequiel, capítulo 41, aparecem os “querubins”, etc.

²⁵ Conforme o texto de Marcos, capítulo 12, versículo 25: “Porquanto, quando ressuscitarem dentre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento, mas serão como os anjos que estão nos céus.” *Marcos 12*. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mc/12>. Acesso em 28/10/2017.

²⁶ SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de Teologia Sistemática*. Curitiba: A D Santos Editora, 2006. p. 152

²⁷ Angra Mainyu, ou Ahriman como seu nome aparece no dialeto Medo-Persa, é o líder de hostes demoníacas. “Ele é demônio de demônios e mora em um abismo de trevas infinitas no norte, a casa tradicional dos demônios”. Ahriman antes de ser “espírito mal”, teria sido um deus subterrâneo. Lamas apresenta descobertas encontradas em templos mitríacos, que eram em grutas ou cavernas – dedicatórias ao DeoArimanio (1973, p. 143). “Isso se aproxima consideravelmente da crença hebraica de que Satanás antes fora um querubim da guarda celestial, perfeito e formoso” (cf. Ez 28.12-19; Is 14.12- 15) retirado de LAZARINI NETO, Antonio. *Messias exorcista: combate aos espíritos imundos e a estrutura do Evangelho de Marcos (Exegese de Mc 1.21-28)*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2006. p. 29.

²⁸ As tradições bíblicas normalmente listam os trechos do livro do profeta Isaías, capítulo 14, versículos 11 a 23 e do livro do profeta Ezequiel, capítulo 28, versículos 11 a 19, como os trechos nos quais há referência ao antagonista de Javé antes da “queda”.

consigo em sua insurreição um terço das criaturas angelicais²⁹, embora delas não seja conhecido o número exato. Nas artes, são várias as representações dos anjos, e a própria Bíblia os descreve de várias formas, de acordo com as funções que cada classe desempenha³⁰. Há alguns trechos da Bíblia, que ao tratarem de “anjos”, parecem se referir a outras significações do termo, e não às criaturas angelicais que ora são tratadas aqui. São exemplos de utilização da palavra “anjo” com significado diverso daquele que aqui está sendo designado, as referentes a versículos como os do Livro dos Juízes, capítulo 6 e versículo 22³¹, na qual, normalmente, a palavra “Anjo” é normalmente escrita com a inicial maiúscula, ou aparece em expressão como “anjo do SENHOR”, de modo a distingui-la de sua ocorrência corriqueira – manifestação angelical costumeiramente considerada teologicamente como uma teofania³² - ou então de versículos como os de Apocalipse, capítulo 1, versículo 20, ou Apocalipse, capítulo 2, versículo 1, por exemplo, cuja palavra “anjo” normalmente é considerada se referindo aos seres humanos responsáveis pela entrega de mensagens as congregações de cristãos a que as cartas de João são enviadas.

Descartando as ocorrências variantes da palavra “anjo” citadas, todas parecem se referir a essa classe especial de criaturas que teriam sido formadas pelo Criador que teriam as capacidades especiais listadas. O fato de terem sido criadas por Deus as torna “filhos de Deus”, e é seguindo essa linha de raciocínio que as interpretações que consideram os nephilim seres sobrenaturais os vêem.

Um dos ramos do cristianismo, os Testemunhas de Jeová parecem seguir essa orientação, conforme aparece em seu sítio eletrônico³³. Lá é colocado, acerca dos nephilim (ou gigantes):

Lembre-se de que o anjo mau, Satanás, estava causando encrencas. Até mesmo tentou fazer que

²⁹ Conforme o que está escrito no livro do Apocalipse, capítulo 12, versículo 4.

³⁰ Em Isaías, capítulo 6, por exemplo, é dito acerca dos serafins, que possuem seis asas, com duas cobrindo seus pés, duas cobrindo seus rostos e se valendo de duas para voarem.

³¹ *Juízes* 6. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jz/6>. Acesso em 28/10/2017.

³² BOYER, Orlando. *Pequena Enciclopedia Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 1999. p. 603

³³ *Gigantes na Terra*. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/publicacoes/livros/historias-biblicas/1/gigantes-na-terra/>. Acesso em 25/10/2017.

anjos de Deus fossem maus. Alguns deles começaram a escutar a Satanás. Deixaram o trabalho que Deus tinha para eles no céu. Desceram à Terra e fizeram para si corpos humanos. Sabe por quê? A Bíblia diz que foi porque esses filhos de Deus viram as lindas mulheres na Terra e quiseram viver com elas. Por isso, vieram à Terra e se casaram com elas. A Bíblia diz que isso era errado, porque Deus fez os anjos para viverem no céu. Quando os anjos e suas mulheres tiveram bebês, estes eram diferentes. No começo, talvez nem parecessem muito diferentes. Mas ficaram cada vez maiores e mais fortes, até se tornarem gigantes. Esses gigantes eram maus. E já que eram tão grandes e fortes, machucavam os outros. Tentavam obrigar todos a serem tão ruins como eles*.

A Bíblia de Cambridge³⁴ considera o capítulo 6 de Gênesis, ainda mais o trecho situado nos versículos 1 a 4 aos quais este artigo se dedica, como substancialmente diferentes dos demais, tanto anteriores quanto posteriores. Acerca disso, seu estudo diz:

Esta curta e estranha passagem serve como uma espécie de Prefácio à Narrativa do Dilúvio. Não há nada que se ache como em outro lugar no A. T. Obviamente, não é uma continuação do capítulo anterior; e, exceto por uma alusão possível, embora mais controversa, na menção dos 120 anos (Gênesis 6: 3), seus conteúdos não pressupõem a catástrofe do Dilúvio. Com toda a probabilidade, devemos estar certos ao considerar estes quatro versos como um fragmento de alguma fonte bastante independente da tradição hebraica precoce, certamente distinta dos materiais regulares [...]. A menção dos casamentos entre "os filhos de Deus" e "as filhas dos homens" é claramente uma sobrevivência da mitologia hebraica precoce. Isso representava a existência de uma tradição israelita respeitando uma raça primitiva de gigantes. Há vestígios, na literatura de outros países, de uma crença semelhante em

* Supra.

³⁴ *Gênesis 6*. Disponível em:

<http://biblehub.com/commentaries/cambridge/genesis/6.htm>. Acesso em 25/10/2017.

gigantes fabulosos, ou heróis semi-divinos, que viveram em uma era distante da antiguidade³⁵.

Logo, os estudiosos de Cambridge não parecem ter dúvidas de que os “filhos de Deus” mencionados seriam seres sobrenaturais, uma vez que sua descendência seriam “gigantes fabulosos” ou “heróis semi-divinos”. No comentário citado mais à frente eles consideram que esses “filhos de Deus” fossem anjos, embora o trecho dos versículos 1 a 4 pareça não se concatenar diretamente com o restante do texto bíblico, conforme mencionado no excerto exposto. No comentário específico do versículo 2 pode-se ler:

Esta é uma das passagens mais disputadas do livro. Mas a dificuldade, em grande medida, desaparece, se for francamente reconhecido, que o versículo deve ter seu significado literal. De acordo com a lenda que preserva, a saber, os intercursos que ocorreram entre seres celestiais e mulheres mortais. Os comentadores muitas vezes diminuíram desde a admissão de que essa mitologia poderia ter um lugar nas Escrituras hebraicas. Consequentemente, explicações muito fantásticas às vezes foram favoráveis; por exemplo. (a) "os filhos de Deus" são os homens das classes superiores, "as filhas dos homens" são "as mulheres das classes mais baixas"; (b) "os filhos de Deus" são "os filhos do temente de Deus", "as filhas dos homens" são "as filhas dos ímpios"; (c) "os filhos de Deus" são "os descendentes de Sete", "as filhas dos homens" são "as mulheres da raça cainita". Tais interpretações podem ser descartadas como arbitrárias e não naturais e não fornecem nenhuma explicação da inferência em Gênesis 6: 4, que uma raça de gigantes ou heróis era a progênie desses casamentos.*

Estes estudiosos consideram então que o referido trecho seja uma sobrevivência, de tradições religiosas anteriores, de mitos da antiga cultura hebraica, que teriam sido compostos através do contato e intercâmbio religioso e cultural com outros povos do antigo Oriente Próximo. Seu embasamento para tal concepção advém da expressão “filhos de Deus” em comparação gramatical com a expressão “filhos dos profetas”, nos quais está presente a ideia de

³⁵ Tradução nossa.

* *Supra*, Tradução Nossa.

peças ou entidades que compartilham da mesma natureza, e não de uma consideração sob viés genealógico ou familiar. Sobre isto a Bíblia de Cambridge aponta:

Os "filhos de Deus" (Hebraico: *B'nê Elohim*, "filhos de Elohim"), isto é, seres que participam da natureza divina. Foi apontado acima [...], que os israelitas acreditavam que o Todo-Poderoso estava cercado por uma corte de seres que estavam subordinados a Ele em autoridade, cargo e posto: a sua morada estava no Céu; seu dever era realizar as tarefas designadas pelo Todo-Poderoso. Eles eram "anjos" ou "mensageiros", (Hebraico: *mal'âkhîm*; Grego [*angeloi*]). A expressão deve ser julgada de acordo com o idioma hebraico e não inglês. "Os filhos dos profetas" (1 Reis 20:35; cf. Amós 7:14) são pessoas que pertencem à guilda dos profetas, membros, como devemos dizer, do chamado do profeta. Nenhum relacionamento familiar está implícito. Da mesma forma, "os filhos de Deus" não são "filhos de deuses", no sentido de serem seus filhos, mas "filhos de Elohim" no sentido de pertencer à classe de seres super-naturais ou celestiais. Não há referência, por um lado, a especulações orientais respeitando as emanações da Deidade; nem a verdadeira filiação ou geração. A descrição é bastante geral. Em nenhum lugar encontramos no A.T. menção dos "filhos de Jeová" em vez dos "filhos de Elohim". Como uma sobrevivência isolada da mitologia hebraica, ela fornece um lembrete instrutivo, que as idéias populares de Israel a respeito dos tempos primitivos podem ser presumidas, pelo menos originalmente, por se assemelharem às de outras nações. Elas foram permeadas por elementos fantásticos e lendários. Devemos perceber que o ensinamento espiritual da religião de Jeová foi responsável por uma purgação extensiva das tradições que descrevia os começos do mundo e do povo israelita. Os materiais politeístas e não editáveis foram excluídos com sucesso na compilação dos livros sagrados hebreus. O resultado é simples, digno e elevador. Nós temos nestes quatro versos um vislumbre do material que, na sua maior parte, foi rigorosamente descartado (de tudo o que escolheram), seja qual for a sua escolha. Os filhos de Deus são representados como irresistíveis. Os filhos dos

homens não poderiam oferecer nenhuma oposição efetiva. Os casamentos, contraídos dessa maneira, estão evidentemente cheios de erro e são resultado de uma mera paixão desenfreada. Os homens não podiam defender suas mulheres. Nos últimos dias do judaísmo, esta passagem tornou-se a fonte das lendas estranhas respeitando os "anjos caídos", dos quais encontramos vestígios no NT [Novo Testamento]: 2 Pedro 2: 4, "porque se Deus não perdoou os anjos quando pecaram, mas os lançou até o inferno "; Judas 1: 6, "anjos que não mantiveram seu próprio principado, mas deixaram a sua habitação"; e no Livro de Enoque. No entanto, no Livro de Gênesis não há vestígios de qualquer tradição em relação à queda, ou à rebelião, dos membros do anjo-anfitrião.*

O trecho de Gênesis 6, versículos 1-4 seria, portanto, uma sobrevivência de escritos anteriores que sobreviveu à seleção (ou censura) durante o processo de compilação dos conjuntos de escritos que formaria a base da fé judaica. Seguindo essa linha, a tradição judaica anterior a essa compilação preservaria características mitológicas similares as de outros povos circunvizinhos, entre as quais a visão de que poderia haver seres (heróis ou semi-deuses), frutos da união entre seres divinos e mulheres mortais, que por herança de seus progenitores, seriam extremamente fortes e grandes. Essa visão é compartilhada e permanece na teologia de alguns grupos cristãos, como é o caso dos citados Testemunhas de Jeová.

2. Os filhos de deus: descendência de sete

2.1. A visão de Calvino

João Calvino é considerado por muitos cristãos, como um dos teólogos mais relevantes do cristianismo, junto com Agostinho de Hipona. Nasceu em Noyon, França, em 10 de julho de 1509, e morreu em Genebra, Suíça, em 27 de maio de 1564. Em 1536, na Basileia, publicou *As institutas da religião cristã*, obra que se tornou a base de todas as igrejas protestantes da época, com exceção da Luterana. As teologias Calvinistas e Luteranas (caracterizadas pela ênfase na soberania de Deus e na doutrina da predestinação) possuíam características racionais e radicais que inspiraram os

* Supra, Tradução Nossa.

movimentos liberais dos tempos modernos, tanto no que se refere ao Estado como também a Igreja.³⁶

Calvino, entretanto, no que diz respeito à questão de Gênesis 6, versículos 1 a 4, segue o pensamento de que os “filhos de Deus” citados nesse trecho seriam descendentes de Sete e, por conseguinte, estariam elencados no grupo de seres humanos que manteriam o devido culto ao Criador. Seguindo esse princípio, o mundo de então seria organizado em dois grupos: a descendência de Sete, fiel ao Criador, e por outro lado os descendentes de Caim, o primeiro homicida, que por isso seriam amaldiçoados e, portanto, estariam em oposição ao Criador, sendo as “filhas dos homens” as mulheres que pertenceriam a esse clã. A esse respeito, coloca Calvino:

O princípio deve ser mantido na memória, que o mundo estava então dividido em duas partes; porque a família de Sete apreciava a adoração pura e lícita do bem, da qual o resto havia caído. Agora, embora toda a humanidade tenha sido formada para a adoração de Deus, e, portanto, a religião sincera deveria ter reinado em todos os lugares; ainda que a maior parte se prostituíra, quer a todo o desprezo de Deus, quer a superstições depravadas; Era apropriado que a pequena porção que Deus havia adotado, por privilégio especial, para si mesmo, deveria permanecer separada dos outros. Foi, portanto, uma ingratidão básica na posteridade de Sete, para se misturar com os filhos de Caim e com outras raças profanas; porque se privaram voluntariamente da inestimável graça de Deus. Pois era uma profanação intolerável, perverter e confundir a ordem designada por Deus. Parece, a primeira vista, frívolo, que os filhos de Deus sejam tão severamente condenados, por ter escolhido para si belas esposas das filhas dos homens. Mas devemos saber primeiro que não é um crime leve violar uma distinção estabelecida pelo Senhor; Em segundo lugar, para que os adoradores de Deus se separassem das nações profanas, era uma designação sagrada que devia ter sido respeitada reverentemente, para que uma Igreja de Deus pudesse existir na Terra; em terceiro lugar, que a doença estava grassando, vendo que os homens rejeitaram o remédio que Deus lhe prescreveu. Em suma, Moisés aponta

³⁶ HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2007. p. 198.

como a desordem mais extrema; Quando os filhos dos piedosos, a quem Deus se separou dos outros, como um tesouro peculiar e escondido, tornaram-se degenerados. Essa invenção antiga, relativa à relação sexual entre anjos e mulheres, é abundantemente refutada por seu próprio absurdo; e é surpreendente que os homens cultos antes tivessem sido fascinados por visões tão grosseiras e prodigiosas. A opinião também da paráfrase caldaica é frígida; a saber, que os casamentos promíscuos entre os filhos dos nobres e as filhas dos plebeus são condenados. Moisés, portanto, não distingue os filhos de Deus das filhas dos homens, porque eram de natureza diferente ou de origem diferente; mas porque eram filhos de Deus por adoção, a quem ele havia se separado; enquanto o resto permaneceu em suas condições originais. Se algum objeto, para que os que se desviaram vergonhosamente da fé e a obediência que Deus exigisse, não fossem dignos de ser considerados filhos de Deus; a resposta é fácil, que a honra não é atribuída a eles, mas a graça de Deus, que até então tinha sido conspícua em suas famílias. Pois, quando a Escritura fala dos filhos de Deus, às vezes tem respeito à eleição eterna, que se estende somente aos herdeiros legais; às vezes para vocações externas segundo as quais muitos lobos estão dentro da dobra; e pensou, de fato, eles são estranhos, mas eles obtêm o nome de filhos, até que o Senhor os rejeite. Sim, mesmo dando-lhes um título tão honrado, Moisés reprova a sua ingratidão, porque, deixando o Pai celestial, se prostituíam como desertores.³⁷

Logo, Calvino refuta as duas possibilidades, tanto a defendida pelos estudiosos de Cambridge (e que, pela sua fala, teria sido, como efetivamente foi, anterior a si mesmo) e a outra posição que Cambridge aponta, e que não foi efetivamente apresentada nesse artigo, por ser, no ver dos autores, menos relevantes que as outras, a saber: que a condenação adviria de uniões entre homens de classes ou castas mais altas com mulheres de classes ou castas inferiores.

Calvino, fruto da reforma, já aponta para a visão de que a união de anjos com mulheres seria considerada absurda. A seu ver

³⁷ *Genesis* 6. Disponível em:

<http://biblehub.com/commentaries/calvin/genesis/6.htm>. Acesso em 25/10/2017. Tradução Nossa.

“homens cultos” teriam se deixado levar por essa visão, que seria distorcida. No que tange aos gigantes (nephilim) diretamente, Calvino coloca que

Havia gigantes na terra. Entre os inúmeros tipos de corrupções com que a terra foi preenchida, Moisés especialmente registra um neste lugar; a saber, que os gigantes praticavam grande violência e tirania. Não suponho, no entanto, que ele fala de todos os homens desta época; mas de certos indivíduos, que, sendo mais fortes do que o resto, e confiando em seu próprio poder e força, exaltaram-se de forma ilícita e sem medida. Quanto ao substantivo hebraico, *nphlym* (nephilim), sua origem é conhecida pelo verbo *nphl* (naphal) como “que está a cair”; Mas os gramáticos não concordam quanto à sua etimologia. Alguns pensam que foram chamados assim porque ultrapassaram a estatura comum; outros, porque o semblante dos homens caiu aos olhos deles, por causa do enorme tamanho de seu corpo; ou, porque todos ficaram prostrados pelo terror da sua magnitude.**

Acerca de seu prodigioso tamanho, Calvino coloca que

Moisés não diz, que eram de extraordinária estatura, mas apenas que eram robustos. Em outro lugar, eu reconheço, a mesma palavra denota vastidão de estatura, que foi formidável para aqueles que exploraram a terra de Canaã (Josué 13:33). Mas Moisés não distingue aqueles de quem ele fala neste lugar, de outros homens, muito pelo tamanho de seus corpos, como por seus roubos e sua luxúria de domínio. [...] Pois em primeiro lugar, Moisés relata que havia gigantes; então ele assinala, que também havia outros entre aquela descendência promíscua, que foi produzida quando os filhos de Deus se misturaram com as filhas dos homens. Os gigantes, então, tinham uma origem anterior; Mas depois, aqueles que nasceram de casamentos promíscuos imitaram seu exemplo. O mesmo se tornaram homens poderosos na antiguidade: como se Moisés tivesse dito, que aqueles que exerceram pela primeira vez a tirania ou o poder no mundo, juntamente com uma

** Supra. Tradução nossa.

excessiva licenciosidade e uma luxúria desenfreada de domínio, começaram com essa raça.**

Observe que, como há uma dificuldade de conciliar sua visão com o texto bíblico em questão (porque para Calvino se afigura complicado justificar sua alta estatura, o que, por conseguinte, lhes distingue dos homens comuns), o comentarista recorre ao argumento de que possivelmente os gigantes já existiam antes, e na miscigenação dos dois clãs, a descendência suscitada só reproduziu um carácter que já existia anteriormente. Ou seja, Calvino empurra para um período anterior a suposta existência dos gigantes e sua origem, e como nada é tratado em trechos anteriores sobre a possível origem desses mesmos gigantes, dá o assunto como explicado. E continua:

Moisés acrescenta que eram "homens de renome"; pelo qual ele insinua que eles se vangloriaram da sua maldade, e foram chamados, ladrões honrosos. Também não se pode duvidar, que eles tiveram algo mais excelente do que o povo comum, o que lhes ofereceu favor e glória no mundo. No entanto, sob o magnífico título de heróis, eles exerceram o domínio cruelmente e adquiriram poder e fama por si mesmos, ferindo e oprimindo seus irmãos. E essa foi a primeira nobreza do mundo. Para que ninguém se delicie demais em uma longa e sombria linha de ascendência; Isto, eu repito, era a nobreza, que se elevava no alto, derramando desprezo e desgraça aos outros. A celebridade do nome não é condenada por si mesma; uma vez que é necessário que aqueles que o Senhor adornou com presentes peculiares devem ser preeminentes entre outros; e é vantajoso que haja distinção de fileiras no mundo. Mas como a ambição é sempre vicioso e, sobretudo, quando se juntou a uma ferocidade tirânica, o que faz com que os mais poderosos insultem os fracos, o mal torna-se intolerável. No entanto, é muito pior, quando os homens malvados ganham honra por seus crimes; e quando, quanto mais audacioso alguém está sofrendo, mais insolente ele se vangloria da fumaça vazia de títulos. Além disso, como Satanás é um inventor engenhoso de falsidades, pelo qual ele corromperia a verdade de Deus, e dessa forma se suspeitará acerca dele, os poetas inventaram muitas fábulas

** Supra. Tradução nossa.

sobre os gigantes; que são chamados por eles os filhos da Terra, por esta razão, como me parece, porque se precipitaram para adquirir domínios sem nenhum exemplo de seus antepassados.**

A posição de Calvino é clara: mesmo tendo evidências ao contrário (como ele mesmo reconhece, que há textos bíblicos que ao se referirem aos *nephilim* falam de “grande estatura”), Calvino considera que os *nephilim* na realidade se refira, ao falar em grandeza, robustez ou força, a uma nobreza de uma linhagem muito antiga, ímpios, cuja força política, militar, ou mesmo física os fez se imporem a uma massa de destituídos, os oprimindo. Busca etimologicamente (embora reconheça que não há base sólida pra isso) fundamentar o argumento de que isso seria perceptível por uma relação com o verbo *naphal* que denotaria um movimento de queda, que seria a queda dos homens comuns perante os olhos dos gigantes, ou a queda destes aos olhos do Criador. E se a interpretação literal de homens de grande tamanho persiste, na visão dele isso se dá mais por ação de Satanás através dos poetas do que de uma verificação real do texto bíblico. De todo modo, a argumentação de Calvino é um exemplo teológico de como a questão passou a ser encarada de forma diferente da exposta na seção anterior, embora a questão de serem os *nephilim* realmente gigantes ou não tenha sido targiversada.

2.2. A visão de John Wesley

John Wesley nasceu em Epworth, no norte da Inglaterra, em 1703. Viria a ser graduado no Colégio da Igreja de Cristo, em Oxford, em 1724, e foi ordenado ministro da igreja da Inglaterra. Uniu-se a um grupo de estudantes de Oxford, que aspirava por uma vida de santidade. Em razão do modo de vida desses estudantes, deram-lhes depois o nome de “metodistas”, que alguns anos mais tarde se tornou definitivo para os seguidores de Wesley. Após conhecer um grupo de morávios, seguidores do conde Zinzendorf, alcançou conhecimento experimental de uma vida espiritual mais intensa. Wesley seguia a teologia arminiana e teve uma vida missionária muito ativa, fundando igrejas na Inglaterra, América do Norte e por diversas partes do mundo.³⁸

Wesley compartilha a visão de Calvino de que os “filhos de Deus” do referido texto bíblico dizia respeito à descendência de Sete,

** Supra, Tradução Nossa.

³⁸ HURLBUT, 2007. p. 220 – 221.

e “as filhas do homens” à descendência de Caim³⁹. Diferente de Calvino, contudo, reconhece que estes seriam homens de grande tamanho, embora não se detenha, nas notas, como seria possível tão prodígio. Na parte do texto que trata de seu “grande renome” (referência comum a figuras heróicas, como propõe a interpretação de Cambridge), traça paralelos entre essa expressão e a ação levada a cabo pelo rei da Assíria, cujo registro aparece no livro do profeta Isaías, Capítulo 37 e versículo 11, embora não haja correspondência relacional entre as figuras em si, apenas dos seus atos, que no segundo texto (o de Isaías) é considerada por ele correspondente, embora não se fale no texto de Gênesis de atitudes destrutivas dos gigantes, sendo essa possivelmente uma dedução advinda de atribuições de textos posteriores na própria bíblia. Wesley correlaciona o texto citado ao texto correspondente presente no livro dos Números, capítulo 13, versículo 33, onde os gigantes são filiados a uma figura chamada Anaque, embora nesse texto Wesley, contudo, não mencione nada, não fazendo nenhuma anotação.⁴⁰ A correlação anteriormente mencionada adviria, portanto, dos fatos desses gigantes normalmente serem de povos inimigos de Israel, e, portanto, inimigos de Deus. Calvino, também, apesar de ter mencionado (como visto na seção precedente) que havia este texto, assim como Wesley, nada menciona a respeito⁴¹.

Considerações finais

Ainda muito poderia ser discutido acerca da questão dos gigantes bíblicos, tanto de um ponto de vista mítico, como sobrevivência de influências sofridas pelo povo hebreu por outros povos, assim como também como de suas próprias tradições primitivas, ou da visão desses gigantes de modo mais racionalista. As influências, tanto persas como babilônicas dariam, por si só, muitos artigos, que por questão prática de espaço não poderiam ser contempladas aqui; contudo, é interessante observar como, no decorrer do tempo, a título de se fundamentar uma fé original, o cristianismo tem buscado explicações outras que justifiquem seu

³⁹ *Genesis* 6. Disponível em:

<http://biblehub.com/commentaries/wes/genesis/6.htm>. Acesso em 25/10/2017.

⁴⁰ *Numbers* 13. Disponível em:

<http://biblehub.com/commentaries/wes/numbers/13.htm>. Acesso em 25/10/2017.

⁴¹ *Numbers* 13. Disponível em:

<http://biblehub.com/commentaries/calvin/numbers/13.htm>. Acesso em 25/10/2017.

próprio escopo teológico, mesmo quando aqueles que defendem novas interpretações que primem por gerar essa originalidade não encontram fundamentação (como visto nos casos de Calvino e Wesley ora citados) em si mesma. Na batalha pela fé e coração de seus devotos, a religião, que não raro muitas vezes toma por empréstimo figuras ou princípios de suas rivais nessa disputa busca negar-lhes a origem, ou atribuir a semelhança desses princípios ou figuras a distorções advindas, ou de membros ingênuos (ou apóstatas), ou da confusão proposta por seus antagonistas espirituais.

Referências

1 Samuel 17. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/ism/17/23+>. Acesso em 23/10/2017.

Anjo. Disponível em: <https://www.significados.com.br/anjo/>.

Acesso em 28/10/2017.

BOYER, Orlando. *Pequena Enciclopedia Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 1999.

Deuteronômio 3. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/dt/3>. Acesso em 23/10/2017.

Gênesis 4. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/4>. Acesso em 23/10/2017.

Genesis 6. Disponível em:

<http://biblehub.com/commentaries/cambridge/genesis/6.htm>.

Acesso em 25/10/2017.

Gênesis 6. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/6>. Acesso em 23/10/2017.

Gigantes na Terra. Disponível em:

<https://www.jw.org/pt/publicacoes/livros/historias-biblicas/1/gigantes-na-terra/>. Acesso em 25/10/2017.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2007.

Jó 40. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/acf/j%C3%B3/40>. Acesso em 29/10/2017.

Jó 41. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/acf/j%C3%B3/41>. Acesso em 29/10/2017.

LAZARINI NETO, Antonio. *Messias exorcista: combate aos espíritos imundos e a estrutura do Evangelho de Marcos (Exegese de Mc 1.21-28)*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2006.

Marcos 12. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/acf/mc/12>. Acesso em 28/10/2017.

Nefilins: Os gigantes da Bíblia. Disponível em:

<http://www.ofielcatolico.com.br/2002/04/nefilins-os-gigantes-da-biblia.html>. Acesso em 23/10/2017.

NOGUEIRA, Carlos R.F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

NOGUEIRA, Paulo A. Souza. O Mito dos Vigilantes: apocalípticos em crise com a cultura mediterrânea. p.2 (Artigo não publicado)

Numbers 13. Disponível em:

<http://biblehub.com/commentaries/wes/numbers/13.htm>. Acesso em 25/10/2017.

PAGELS, Elaine. *As Origens de Satanás*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1996.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de Teologia Sistemática*. Curitiba: A D Santos Editora, 2006.

Unicorn. Disponível em:

<http://biblehub.net/search.php?q=unicorn>. Acesso em 23/10/2017.